

# PARA SUSPENDER O CÉU E OUTRAS DEAMBULAÇÕES

Renata Mendonça SANCHEZ<sup>1</sup>

## Resumo:

Trata-se de um texto-convite imerso na poética do encontro que narra, sobre a perspectiva da experiência pessoal, destaques do evento Repensando Mitos Contemporâneos de 2019. Contrasta-os metodologicamente com a Investigação-Criação e assume a postura de reverberações na pesquisa em andamento "Princípios potencializadores da vocalidade".

**Palavras-chave:** *Performance; Investigação-Criação; Vocalidade*

## Abstract:

It is an invitation text immersed in the poetics of the meeting which tells, from the perspective of personal experience, event highlights Repensando Mitos Contemporâneos - 2019. Methodologically contrasts them with Research-Creation and takes the posture of reverberations in ongoing research "Princípios potencializadores da vocalidade".

**Keywords:** *Performance; Research-Creation; Vocality*

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena - UNICAMP, Bolsista CAPES, Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gina María Monge Aguilar, e-mail: renatasanchez26@gmail.com.

## 1. Repensando Mitos Contemporâneos e o corpo que sente

### Na minha boca

Tempero a minha boca  
Dissolve o brilho do gozo  
Eu me abri pra você entrar  
Dentro e fora de mim  
Derramo na tua boca  
Tudo o que jorra do corpo  
Derreti pra poder lembrar  
Do que ferve em mim  
Eu virei você  
Você me mordeu  
Eu comi você  
Você me virou  
Revirou esse bicho da noite  
Demônio sagrado  
Fera animal  
Te olho no espelho  
Você como eu  
E eu como você (LEÃO; DINUCCI, 2015)

Desde o início do ano de 2018, desenvolvo junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Unicamp uma pesquisa de mestrado sobre a formação de artistas da cena e suas relações com a potencialização expressiva de si, em especial através da vocalidade. Diante disso, tenho me perguntado sobre o que significa, nos dias de hoje, criar territórios temporários de resistência aos dispositivos maquínicos<sup>2</sup>, usufrutos de violências, na produção expressiva do corpo em artes.

<sup>2</sup> O conceito "dispositivo" pode ser encontrado em obras produzidas por Foucault na década de 70, com destaque para *História da Sexualidade: vontade de saber*. O termo, no mesmo período, pode ser encontrado em publicações de Deleuze e Guattari, que aprofundam esta discussão e atualizam o conceito a partir do uso de "agenciamentos maquínicos" em discussões sobre a ordem da produção desejante.

O Repensando Mitos Contemporâneos, edição 2019, permitiu-me ampliar sensivelmente as forças e – agora sob afecções – dar continuidade à pesquisa com o corpo e as ideias reviradas, e é sobre isso que pretendo falar neste exercício escrito. É preciso destacar, para uma melhor contextualização, que estive na “produção/técnica” do simpósio e senti os acontecimentos próprios ao encontro com olhares e perspectivas entre cabos de som, passagens das imagens nos projetores, do fundo da sala e com noites pouco dormidas. Afirmando que me sinto privilegiada por ocupar esse lugar de responsabilidades, permitindo, dentre outras implicações sensíveis, revelar a face de minha vulnerabilidade através da exposição frente aos olhares de pessoas recebidas no simpósio.

Em instância primeira, o credenciamento. Vi chegarem pessoas de vários núcleos da UNICAMP para assistirem a fala de Ailton Krenak, líder indígena que durante a Assembleia da Constituinte em 1987, no Brasil, realizou uma fala em protesto ao desrespeito à luta de direitos indígenas, onde ao discursar pintou o próprio rosto com jenipapo. No aguardo de sua fala de abertura do evento me via emocionada com a possibilidade de ouvi-lo de perto. Tinha o coração acelerado ao perceber quantas pessoas chegavam e após muitas corridas de lado a outro, com crachás e listas nas mãos, derrubei tudo no chão. Recolhi meticulosamente cada peça do material abandonado e, em um respiro breve, entrei na sala pela porta dos fundos. O público ainda não havia entrado. Tratava-se daqueles últimos segundos silenciosos antes que a plateia entre. Quantas vezes já vivi essa sensação que mistura medo e vontade, que antecede o início do espetáculo.

As portas da Casa do Lago<sup>3</sup> se abriram e uma multidão de pessoas começou a entrar, o meu corpo sabia que algumas circunstâncias necessitavam ser veladas para que o “acontecimento de todos os acontecimentos” existisse. Por isso, coloquei-me sobre um refletor de chão, fazendo corpo com o que estava por vir. Ao mesmo tempo que protegia o refletor, afinado a pouco pelos técnicos de iluminação, conduzia os corpos que chegavam em grandes grupos para uma acomodação segura.

Daquele volume no espaço que meu corpo ocupava, vi pessoas aguardadas entrarem e de repente, ao pé do meu ouvido estava Ailton Krenak, conversamos

---

3 O Espaço Cultural Casa do Lago é um órgão da Diretoria de Cultura, da Pró-reitoria de Extensão e Cultura, da Universidade Estadual de Campinas.

e, em seguida, ele se dirigiu ao fundo da sala, sentando-se em uma cadeira, assim como grande parte do público que, não havendo mais espaços, passou a ocupar tatames e o chão.

Foi então que Adnã Ionara Maria Alves, bailarina do espetáculo “Sinfonieta e Embers (Brasas)”, ocupou o espaço cênico com seu corpo de mulher jovem negra em movimento. Juntaram-se aos seus movimentos Sarah Raquel do Carmo Santos e Fernando Vitor Da Silva, além do professor e pianista Marcelo Onofri com o tocador de berimbau Gabriel Peregrino. O espetáculo de dança produzia sombras dos corpos nas paredes e minha impressão era de que elas registravam naquela arquitetura as silhuetas dos corpos em movimento. Também desenhavam registros na minha imaginação, colocava todo o coletivo de espectadores em um estado poético comum. Aquele momento, do meu ponto de vista, criava uma fina película sobre a realidade estabelecida entre nós que havíamos nos decidido por estar naquele espaço e tempo compartilhado do acontecimento.

Ao fim do trabalho, já com as luzes ambiente acesas, uma fala de abertura do evento. E chamaram o convidado Krenak. Começou com um silêncio, um leve sorriso no rosto e olhos que muito enxergam. Um corpo pequeno e ao mesmo tempo imenso, uma voz baixa e presente ocupou o espaço repleto de pessoas. Fiquei instigada com a cautela na escolha das palavras feitas por Ailton, elas me chegavam com grande força à medida que pronunciadas. “Cantamos para que não caia o céu” ele diz, em se pensar que em alguns dias anteriores o céu do estado de São Paulo estava completamente escurecido pelas queimadas nas matas<sup>4</sup>. Propôs a partilha como algo poderoso e a arte, em especial, como uma grande arma das culturas para “suspender o céu”, pois o céu está em movimento e se aproxima, por vezes, da terra – o que o corpo humano não pode aguentar. Além disso, “quando dizemos que algo está morto, podemos esquecê-lo e construir outras coisas por cima”. Esse argumento me permitiu reconhecer que, como não indígena, muitas vezes refiro-me aos povos originários no passado dando linha na produção massiva da modernidade. Dei-me conta da arrogância branca que ocupa minha existência quando ele falou sobre achar mesmo que somos, os

4 No dia 19 de Agosto de 2019, o céu em Campinas amanheceu com tom acinzentado. Mais tarde soube que na capital do estado de São Paulo, o céu escureceu repentinamente durante a tarde. Pesquisadores de diversos campos de estudo ambiental afirmam que tal fenômeno está relacionado às queimadas ocorridas na floresta Amazônica neste mesmo período. Para informações, acesse: <<https://www.oeco.org.br/noticias/pesquisadores-descrevem-fenomeno-que-escureceu-sp-e-sua-relacao-com-as-queimadas-na-amazonia/>>. Acesso em: 21 de Out.2019.

privilegiados, tão poderosos a ponto de acreditar que conseguimos matar algo tão grande como os recursos naturais sobre a Terra.

Nos dias seguintes, estive no Workshop denominado FUGAKU, conduzido por Toshi Tanaka, um senhor japonês artista e performer que coordena o projeto “Jardim dos ventos”, além de professor na Faculdade de Filosofia Comunicação Literatura e Artes na PUC de São Paulo.

Surpreendi-me a mim mesma tentando fazer o mais simples. O mais simples necessário, sem gastos de energia a menos e a mais. Como limpar o chão, conhecendo cada centímetro do solo e percebendo o contato dos dedos dos meus pés com a madeira. Passando o trapo de um lado para o outro, com o corpo apoiado por pontos como dedos dos pé, mãos e joelhos. A coluna se movimentava durante a ação, o sacro e a cabeça se direcionavam para o mesmo lado. A respiração também se reorganizava durante a realização de cada movimento de limpar. Os joelhos se descolavam do chão e com o quadril direcionado para o teto deslizava o pano de um ponto a outro da sala. Agora com o apoio corporal ainda maior sobre os dedos dos pés e das mãos espalmadas sobre o pano.

Também segurei com delicadeza o leque que produzia no meu braço uma sensibilização para perceber o ar que ocupava o ambiente da sala, encontrava-se do mesmo modo entre os corpos e entre uma parte e outra do meu corpo. O movimento do leque e o vento que este produzia despertavam minha atenção, permitindo-me usufruir de outras qualidades. O peso do braço em movimento, agora sem segurar o leque, também tornara-se outro. O ar se tornara mais perceptível e o corpo pegava carona em seus percursos espaciais.

Nas linhas cruzadas do meu corpo estava a lombar que, exigindo atenção, tanto para o corpo deitado rolar quanto para pular de paraquedas, sentar, cumprimentar e levantar. Finalmente, aproximei o meu corpo de um copo e tome a água, deixando que esta se espalhasse e desenhasse um percurso interno em mim, perceptível ao mesmo tempo aquele que tinha as costas encostadas nas minhas.

## 2. Elaboração e compartilhamento da prática como pesquisa

A experiência brevemente relatada me remete aquilo que estamos chamando na perspectiva acadêmica latino-americana de Investigação-Criação. Por minha trajetória como artista, professora e pesquisadora, não consigo desvinculá-las, mas compreendo a importância de revelar neste texto, um exercício de reflexão sobre um jeito de fazer pesquisa em artes, como apontamento de uma metodologia – digamos pedagógica – que pode vir a assegurar as pertinências deste relato ao seu modo próprio.

Para a pesquisadora Paula Rojas, da Universidad de Costa Rica, aquele que produz reflexões além de realizar experimentos práticos é, em si, um pesquisador. Trata-se daquele artista que pretende compreender e relatar sua perspectiva sobre a própria prática. Rojas revela duas lógicas para efetivação desse fenômeno da Investigação-Criação, uma delas em que o artista compreende que a ação precede a sistematização do conhecimento e outra em que o conhecimento investido na pesquisa teórica precede a ação. Convém acrescentar que esta diferenciação vem a calhar apenas para a comunicação em palavras sobre nossas pesquisas, mas que não revela modos enrijecidos e polarizados de realizá-las. Utilizarei esse parâmetro para materializar linhas conectoras em que possamos transitar na pesquisa, por vezes mais próximas de um dos pontos de tensão e por vezes do outro.

Desse modo podemos compreender que,

A investigação-criação consiste em mobilizar espaços de diálogo e intercâmbio, sobre as bases de estratégias discursivas aplicadas, entre a investigação acadêmica e a investigação artística. Um projeto de investigação-criação corresponde desse modo a um processo de pesquisa estabelecido a partir de um processo de criação ou através do mesmo, fomentando por sua vez a dupla difusão de uma produção artística e um discurso de natureza teórica. (AMADOR, 2019, p.1)<sup>5</sup>

Neste sentido, com as reverberações geradas no encontro do simpósio, me proponho a repensar as verdades hegemônicas que há muito reproduzo em minhas

<sup>5</sup> Tradução direta do espanhol.

práticas artísticas, investigativas e de ensino. Por isso, volto-me estrategicamente às experiências do meu corpo, que são meu campo de batalha na produção poética como artista-pesquisadora. Compreendo que o corpo é meu referencial particular para ler o mundo e é sempre sobre essa perspectiva que reflito e escrevo como modo de partilha de saberes.

Ao relatar como esses dois acontecimentos de encontro tão impactantes passaram pelo meu corpo, pretendo planificar minhas elaborações para que, quem sabe, um leitor distraído estabeleça conexões comigo na atualidade tempo-espacial da leitura. Aquele que lê estas palavras e frases elaboradas trás para dentro de si, na potência das palavras descorporificadas, um fragmento que possui em si uma totalidade de mim mesma.

### 3. As práticas de si na prática como pesquisa

Frente ao que apresentei até aqui, interessa-me assumir algumas posturas emprestadas das reflexões foucaultianas sobre a vida cínica, remanejando-as ao contexto atual da pesquisa que desenvolvo. Essa proposta surge por conta da roda de conversas desempenhada durante o evento Repensando Mitos Contemporâneos. A pergunta mobilizadora foi: O que fazer com isso que sentimos/pensamos durante os dias de encontro, para que estas reverberem em nossas práticas cotidianas?

Tomando a referência do estudo sobre a voz é o próprio corpo sendo ele caracterizado pela materialidade que lhe é própria, penso que essa matéria que o compõe necessita do encontro com o Outro para confirmar-se presente, existente. Nesse redimensionamento territorial da criação atualizado por tais informações proponho, finalmente, o encontro de materialidades, não mais somente a do Outro, mas com as coisas, materiais inanimados que necessitam da *anima* humana para tornarem-se acontecimentos potentes. Neste sentido, proponho que a máscara cênica cumpra esse papel de material atualizador da presença da materialidade própria à vocalidade do artista da cena.

Fazer viver o objeto máscara está diretamente relacionado à sua integração com a vocalidade e a corporeidade. O elo entre elas cria a condição da relacionalidade para manter-se viva. A relação é estabelecida entre esse distinto "eu" que está no corpo vocal da máscara, com o Outro. Esse Outro pode ser outra máscara, o

espaço, elementos cênicos e o espectador, desde que possam relacionar.

Quando vocalizo através da máscara rompo um clausura, libero-me dos limites do meu corpo-máscara e, tocando o Outro, crio uma ordem própria. Aquele que acolhe a minha sonoridade ressoada em ondas, escuta no silêncio de si mesmo, essa vocalidade/máscara que vem de outra parte. Neste fragmento temporal da escuta ocorre um vínculo de atenção que está fora dos limites do corpo. Estabeleço com o Outro uma relação entre todas as relações, as poéticas que me habitam aspiram se fazer voz/máscara permitindo que o Outro se afete por minha distinta condição de materialidade, aquilo que atualizado apela por existir.

Assumir esse lugar na pesquisa prática e reflexiva coloca-me em uma situação em que aproximo a compreensão de que há banalidade no que proponho, com isso, levo a fundo que os princípios que abordo estão imersos em um choque, são reprováveis, despertam zombaria e repulsão (FOUCAULT, 2011,p.203), assumo que aquilo que produzo é “um espelho quebrado”. É uma outra forma de perceber um velho problema.

Ao propor-me nesse exercício, arrisco-me à cólera porque tem a ver com reconhecer no que digo saber, que na verdade não o sei. Essa busca, assim espero, me levará a cuidar de mim mesma, integrar-me às zonas de cuidado. Isso é, revelar-me arriscando-me à vida. É “(...)arriscar-se mostrando-a, e é por mostrá-la que se arrisca. Expõe-se sua vida não por seus discursos, mas por sua própria vida.” (Ibdem, p.206)

Fazer arte, fazer pesquisa desse modo, implica garantir não somente a minha autonomia, mas também seguir na busca pela liberdade. Reconheço, evidentemente, que há diversas tensões que tangenciam essa palavra, mas assumo as consequências de escolhê-la. Sinto que para dar continuidade ao deslocamento de perspectiva a que me proponho na escrita deste texto, radicalizo minhas ações a ponto de expor estas questões, no risco irrevogável da exposição. Levo até o fim a exposição dos argumentos, inteiramente entregue ao olhar de quem lê minhas palavras, na expectativa de que algo passe no corpo de quem o lê, chegando a atacar-me se necessário.



#### 4. Provocação Cínica

Sim! Este texto é uma provocação a mim mesma e ao leitor. Não existe uma verdade que não seja a particular. Neste sentido o encontro tanto presencial no evento quanto através desse texto confronta pessoas. O saber que emerge desses encontros é dialógico, nos misturamos na minha voz atualizada na sua que lê com a voz interna, este fenômeno nos liga ao prazer e ele antecede o discurso.

Na leitura, (...) a ação visual se orienta de vez para a decifração de um código gráfico, não para a observação de objetos circundantes. Para todo indivíduo alfabetizado tendo adquirido o hábito de ler, a relação entre o significante (a letra) e o significado (o que essas três, quatro ou dez letras juntas querem dizer) é interiorizada, não transita mais pelo objeto. Você lê o que os caracteres traçados escreveram sobre as páginas, e feito isso, passa diretamente à noção correspondente. A relação integrada se torna imediata entre o perceptível e o mental. (ZUMTHOR, 2007, p.73)

Tomo esse dispositivo como a possibilidade de compartilharmos a responsabilidade do que é elaborado neste breve relato reflexivo. Proponho que pensemos sobre a potência existente no relato das sensibilidades que tomaram frente na experiência que vivi ao longo dos dias relatados. Também trago algumas colocações da atualidade sobre a investigação criação e me emaranho das reflexões conectando modos de agir dentro do campo tratado e no qual produzo.

Se as mudanças virão de alguma parte, acredito que elas ocorrerão inicialmente em nós mesmos, naquilo que produzimos enquanto sujeitos das ações, nós que atuamos nas artes da cena. Quiçá reconhecer nesses mecanismos de expressão a possibilidade de pautar outras órbitas. Atuo no material da minha corporeidade e gero transformações em mim, meu único referencial potencial.

Enfrento os medos, as vontades, as verdades que precisam se transformar. Essa é minha maior oferta, e ela requer coragem de enfrentamento, é atuar nas linhas que conformam o que sou e o que expresso. Estou sujeita a princípios, os mesmos que me produzem. Seus poderes atuam sobre mim e me dominam, mas

também me ativam e me formam. Para romper as estruturantes, para produzir mudanças em mim percebo a necessidade de atuar no que me normatiza, enfrento o amor que tenho pelo que sou, não bastando opor-me a mim mesma, preciso refazer hábitos, oferecer a mim mesma modos distintos de criar-me. Desejo reinventar-me no esforço de resistir ao que nos fora imposto antes mesmo que pudéssemos escolher. Quero mudar os meus próprios costumes, minhas leis. Repensar-me.

Se sou responsabilizada por meio de um quadro de referências moral, esse quadro dirige-se primeiro a mim, começa a agir sobre mim, pela interpelação e pelo questionamento do outro. Na verdade, é somente dessa maneira que chego a conhecer esse quadro. Se dou um relato de mim mesma em resposta a tal questionamento, estou implicada numa relação com o outro diante de quem falo e para quem falo. Desse modo passo a existir como sujeito reflexivo no contexto da geração de um relato narrativo de mim mesma quando alguém fala comigo e quando estou disposta a interpelar quem me interpela. (BUTLER, 2017, p.26)

A pesquisa me auxilia nesta ideia, nesta vontade. Entendo que nela organizo em linguagem uma percepção e ordenação das sensibilidades, assim como no processo de publicização da experiência e no momento da sua leitura. Um trabalho que se predispõe a isso, está primordialmente embasado na ideia de que escrever na expectativa de ser lida me permite desenvolver a percepção de mim mesma, em correspondência à convivência com o outro. Tenho a oportunidade de revelar quem sou, porque me expesso para o outro. Esta construção dessa ponte relacional também é investigação, tentativa e erro. Sigamos desse ponto.

A escrita nos territorializam na atualização de processos históricos, culturais, afetivos. Cria ligações de nossos corpos com tempos, com saberes e modos de perceber o mundo. Ela pode despertar memórias, mover os nossos corpos e estabelecer laços. E quando estamos juntos neste texto, alinhamos nossas percepções. Criamos um território comum de afetos, um vocabulário de partilha, compartilhamos segredos entre as linhas.

Quando escrevo rompo com a barreira do eu, criamos para nós um encontro de tempos e espaços. Estamos entre o “nós” e as páginas virtuais. Estamos “entre”, criamos vasos de conexão entre eles e nós, nos ligamos à nossa ideia. Através das palavras escolhidas descobrimos os pertencimentos, nos encantamos e criamos vínculos humanos. As palavras, são heranças vivas que nos ligam aos antepassados e às próximas gerações. Nós presentificamos a tradição com essa ação.

A insistência e a repetição são importantes nesse trabalho, pois, após dizer muitíssimas vezes, chegamos à um momento em que passamos do “organizar palavras” para “nos deixarmos organizar pelas palavras”. Por esse meio, rompemos um modo de partilha comum, abrimos a percepção para os impulsos do corpo, com isso nos colocamos no momento performativo. Além disso, as conexões imediatas desenham outros caminhos cerebrais, nossos ritmos cardíacos e nossas respirações já estão modificadas.

### Referências:

AMADOR, Paula Rojas. Investigación-creación: el caso teatro-tecnología. II Coloquio Internacional Investigación-Creación em Artes Escénicas. Colômbia, Set. 2019. Disponível em:

<<https://prezi.com/jmv0w6rfvswp/investigacion-creacion-el-caso-teatro-tecnologia/>> . Acesso em: 30 de Set. 2019

BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.

FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LEÃO, Alessandra; DINUCCI, Kiko. Intérprete: Alessandra Leão. Na minha boca. Álbum Língua. Alessandra Leão. Garganta Records / YBmusi. São Paulo, 2015.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Sofia

MEMÓRIA  
EXPERIÊNCIA  
INVENÇÃO

MEMORY  
EXPERIENCE  
INVENION